



## **REZAR NO ESPÍRITO SANTO**

**Mantenham-se no Amor de Deus**

**MG. Glen Lewandowski OSC**

**14 September 2009**

Eu adoro rezar. Não digo que sou bom nisso. Eu não pretendo ser um adepto contemplativo. Eu não pretendo ser consistente. Eu não premiaria minha praxis de santidade como exemplar para outros. Mas, eu adoro rezar. Rezar é um componente importante da minha vocação religiosa crúzia, nosso compromisso com Deus.

Os organizadores da celebração do Jubileu me pediram que a mensagem deste ano para a ocasião da Exaltação da Santa Cruz, antes da comemoração de 2010, fosse dedicada à oração. Este pedido é intrigante e até mesmo estimulante para mim. Um privilégio. Hesito em começar a escrever, se não estou certo de que será útil para outros. Mas eu desfruto a oportunidade de compartilhar algumas idéias e impressões de vida que eu já adquiri, graças à forma de vida que nós Crúzios professamos, e o tempo dedicado à oração e a aprender sobre o que essa experiência de oração significa. No entanto, ao colocar juntos estes pensamentos, prefiro usar um estilo mais aforístico (algo que aprendi do Abade Bernardo Oliveira) em vez de um ensaio sistemático.

**Eles eram dedicados a oração.** Na descrição dada em Atos (2.42), a descrição citada pelos primeiros Cônegos Regulares como constitutivo do seu próprio modo apostólico de vida, a quarta "devoção" nomeada em Atos foi dedicação à oração. Não era apenas uma dedicação apenas de dizer orações, era um dedicação para rezar. Não foi um officium, uma obrigação, um dever. Era uma devocção privilegiada. Não lembro se já alguma vez adorei o dever de 'officium', mas adoro rezar.

**O capítulo entitulado Oração nas Constituições dos Crúzios.** Um dos melhores comentários que vejo neste capítulo três das constituições é título do capítulo quatro: "outros aspectos da nossa vida diária". O termo 'Outros' é claramente 'outras' coisas além da oração. Aprendi isso lendo os registros do capítulo de renovação de 1967. "Outro" é secundário, é um acréscimo além da oração diária. Rezar é mais central e fundacional, é ainda mais fundamental do que 'outras' tradicionais observâncias monásticas referidas no capítulo quarto das nossas Constituições. Estes dois capítulos (saber 3 e 4) foram quase separados no capítulo de 1967, inserindo o conteúdo do capítulo cinco (sobre o apostolado), entre eles. Mas, claramente os redatores originais insistiram que tinha que se manter o título "outros aspectos" para se referir a "outros do que a oração", como permanece até hoje. Mas mesmo assim, o capítulo três intitulado "oração" não era o primeiro capítulo das Constituições dos Crúzios. O Capítulo Um tinha de ser sobre a finalidade principal da nossa vida, vida comunitária, tal como na regra de Agostinho, o duplo amor de Deus e ao próximo claramente e inequivocadamente precede o próximo capítulo na Regra sobre a oração. Oração está ligada a ênfase principal na vida comunitária, como apoio a uma vida de amor e outros aspectos da nossa vida diária, como consequente e contingente para rezar.

**No Espírito Santo orando, mantenham-se no amor de Deus.** Esta citação bíblica de Judas 20 parece-me coincidir com a preocupação das nossas Constituições 16.2: Em oração, nós nos abrimos à atividade do Espírito Santo – presente em nosso meio, trabalhando entre e em nós – nos transforma na imagem de Cristo, permitindo uma relação de Filho, falando intimamente ao Abba. Rezar é sempre uma dinâmica Trinitária. O Espírito de Deus, na oração, transforma-nos de simples nós mesmos em próximos de Deus, tendo a mente do Filho amado. Amor, como energia espiritual, transforma-nos em amados, conduzindo-nos ao Amor que é a origem e o objectivo da nossa vida. Unus in uno ad unum.

**Excessus mentis.** Especialmente durante o século XII, o século Cisterciense, profissionais religiosos da oração elaboram uma interpretação estimulante e frutuosa da expressão da carta de São Paulo aos Coríntios: “se me faz sentido, é para você; se estiver fora do meu ponto de vista, é de Deus”. (2 Cor 5.13). Rezar, neste sentido, é um estado alterado da consciência: um excesso para além da mente, mais do que isto, é uma deficiência e diminuição da mente humana. A mente de Deus expande o mero pensamento e raciocínio simplório. Esta é uma atividade interna doada, estimulada pela fé no trabalho interno. Rezar é muito mais do que transformar nossas mentes e corações para Deus. Orar tem a ver com superar a normalidade de nossa mente. Não há espaço gracioso para ecstase e arrebatamento dizzying mesmo ocasional em oração.

**Eros e ágape.** Sempre considere que rezar não é um dever nem algo chato. Oração por profissão, para religiosos, é algo apaixonado e erótico. Papa Bento XVI observa em sua primeira encíclica, Deus Caritas Est, que a dimensão erótica é positiva e essencial para a vida cristã. Rezar no Espírito Santo pode ter dias que afetam até mesmo profundamente a melancolia e o remorso. Mas em profundidade, oração é infundida pelo dinâmico e fascinante amor de Deus: a mão direita e esquerda de um pai prático que trabalha dentro e entre nós, como insiste Ireneu, quando fala da missão do Filho encarnado e o influente Espírito do Pai. Parte da alegria em rezar é o eros. Agostinho sempre insistiu que desejo (eros) é essencial na oração, na verdade, é rezar. Mesmo que você não pode ser sempre “dizer orações”, você pode sempre cultivar o desejo. Esta dimensão erótica de rezar tem link íntimo e essencial para a conexão de uma vida de oração e uma vida de castidade religiosa. Talvez a moderna e funcional conexão de celibato e ministério perdeu algo de eros religioso de uma vida dedicada à oração.

**Escuta sem cessar da Palavra de Deus.** Ser dedicado a oração implica ouvir sem cessar a Palavra de Deus, escutar Deus falar, revelar, tocar, esclarecer, influenciar. Assistir a beleza tão antiga, e tão nova, (animadversio - perceber) foi o que conduziu Agostinho à conversão a Deus. Aperfeiçoando seu interior, refinando sua alma, seu capax dei, era parte integrante da experiência religiosa desenvolvida por nosso pai espiritual. Entre os cinco “sentidos interiores” (expostos por Orígenes), para Agostinho (juntamente com muitos teólogos Ocidentais) o premiado senso interior era o de ver. Para Gregório de Nyssa, no entanto, houve dois outros caminhos para desenvolver o “equipamento de oração” da alma. Além da percepção espiritual e contemplativa (tão valorizada por Platonistas), o conhecimento e dominação, a apreensão por coisas divinas (valorizada pelos Stoics) Gregório trabalhou muito na compreensão da oração, até que ele próprio desenvolveu um modo mais existencial de compreensão religiosa, usando um terceiro sentido, do envolvimento interpessoal, relacional (commercium). Deus, assim, não é como um objeto visto ou medido (begrip), mais como uma pessoa, um assunto, que se refere e se toca, até mesmo seduz e intriga (Jer. 20.7). Rezar é perceber ser amado, as vezes vacilante e atrasado, amar como resposta. “Você me chamou, gritou e quebrou o minha surdez... você enviou fragrância, me fez ter dificuldades para respirar, me deixou ofegante.”



**Que nossa oração aprofunde e madureça.** Quando era criança, eu pensava como uma criança, imaginava como uma criança, eu rezava como uma criança. Quando eu era um noviço na ordem da Santa Cruz, assumi a oração como forma de vida. Eu dou graças a Deus pelo tempo, estudo e reflexão, pela formação meditativa, pela contemplação orientada e experiências místicas ocasionais de *spiritus unus* proporcionadas pelo modo crúzio de vida religiosa. Maturação na oração é mais humilde, graciosa e sufocante do que qualquer postura orgulhosa de se sentir realizado na oração. É, no entanto, com uma rica apreciação do carisma e do modo de vida que nos foram dados, que nós podemos dizer orgulhosos como a oração tem um lugar especial na nossa vida diária, e assim nos permite que a oração aprofunda-se e madureça. O antigo clássico espiritual dos crúzios *Vestis Nuptialis* distingue fases e programáticos estágios de crescimento na vida espiritual. Podemos hoje ser mais céticos sobre qualidades e garantias de progresso, mas continuamos a reconhecer que a experiência pessoal e história de vida fazem a diferença qualitativa na vida de oração. Oração pode amadurecer.

**Temos de ajudar-los a rezar.** “Senhor, ensina-nos a rezar”, foi um pedido sincero dirigido a Jesus pelo seus seguidores. E Ele o fez. Ensinou uma oração. Mas também lecionou orando, uma relação, um compromisso, uma crença, uma forma de anúncio e gratidão. João Paulo acentuou que, o que ele gostaria dos religiosos na Igreja de hoje é que formarem casas de comunhão e escolas de oração. Alguém na Igreja deve fazê-lo! Por que não os religiosos? Nossas próprias Constituições insistem que pretendemos fazer isso. Nosso Capítulo Geral afirmou o nosso compromisso religioso para fazer a nossa própria oração canônica testemunha do transcendente em nosso mundo e uma escola pública para acolher outros nesta comunhão do Pai, com todos os seus filhos e filhas, no santo Espírito do Filho Amado. Esta é uma vocação privilegiada e especial que nós Crúzios temos promovido, temos vivido e amado através dos 800 anos. Nós acreditamos que perseverando na oração estamos apostolicamente presentes no nosso mundo.

Quando eu ter de terminar um momento de partilha de fé, sempre reconheço o remorso das coisas não ditas, acentos não marcados, ênfases não dadas. Mas adoro rezar. E isto eu disse.

*Translated by Cfr. Julio Cesar Resende OSC*

